



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO  
N.º 182 ABRIL A JUNHO 2016

**Redação e Correspondência:**

UNIASES  
Apartado 1098  
4710-908 BRAGA  
Tel.: 253 951 257

**Diretor:**

Alberto Melo  
**Chefe de Redação:**  
Francisco Pinto  
**E-mail:**  
ases@portugalmail.pt

**Propriedade:**

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

**Distribuição:**

ASES

**Periodicidade:**

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

**Tiragem:**

1610 Exemplares  
Assinatura Anual: 5,00 €  
**Composição e Impressão:**  
Tadinense - artes gráficas  
www.tiptadinense.pt

## EDITORIAL

### A Vida Continua...

Nem sempre como planeada ou desejada. Esperavam-se maiores mudanças na eleição dos Corpos Sociais que conduzem a UNIASES e os seus destinos. Uma evolução na continuidade? Assim parece!

Não será caso para atirar a toalha ao chão só porque as "coisas" não correram ao nosso jeito. Compreendemos; mas há fatores de peso a ter em conta: a saúde física, a idade e o desgaste viciado de uma eterna colagem ao "tacho" (entenda-se lugar ocupado na estrutura associativa UNIASES), que urge ser pensados, ultrapassados e compensados.

Por tudo isso, uma vez mais se apela à generosidade de gente nova para não deixar cair a UNIASES. É bom, ótimo até, as reuniões com colegas do mesmo curso, uma das grandes virtudes da comemoração dos pós-25 ou 50 anos: o alerta e toque a reunir na congregação de esforços para prosseguimento e amparo na caminhada. Aconselhável, vemos potencialidades, que se discutam nesses encontros os problemas da nossa Associação e que se prendem com a renovação dos seus membros dirigentes para que a vida continue sem sobressaltos de maior. Sangue novo precisa-se.

A terminar, pondo de parte o espírito derrotista, entrelinhas acima dado a transparecer, saudamos a entrega de quem ousou compor o ramallete contribuindo para um outro rosto da Associação.

A estes, bem como aos "resistentes", os nossos agradecimentos. Está dado mais um passo numa caminhada que se prevê longa, mas sem dissabores.

A vida continua...e enquanto houver vida há esperança!

**Alberto Melo,**  
Presidente da Direção

## SEMINÁRIO DE GODIM

SÁBADO - 1 DE OUTUBRO

**Bodas de Ouro 1966 / 2016**

(Ver página 8)

## SEMINÁRIO DE GODIM

SÁBADO - 1 DE OUTUBRO

**Bodas de Prata 1991 / 2016**

(Ver página 8)

## SEMINÁRIO DE VIANA

SÁBADO - 15 DE OUTUBRO

**Bodas de Ouro 1966 / 2016**

(Ver página 8)

## FUNDÃO

**24 DE SETEMBRO**

ENCONTRO DAS BEIRAS?

ou

**5 DE NOVEMBRO**

MAGUSTO?

## SEMINÁRIO DE FRAIÃO

SÁBADO - 19 DE NOVEMBRO

**Anos de Godim + Viana**

(1963 + 1964)

## NOVA DIREÇÃO 2016-2018



**Alberto Ribeiro Melo**  
Godim 1955



**Francisco Cunha Pinto**  
Viana 1956



**José Silva Dias**  
Godim 1957



**António Rodrigues Ferreira**  
Viana 1957



**Albano Martins Sousa**  
Viana 1967

## PLANO DE ATIVIDADES UNIASES

### 2016 / 2017

#### 2016

22 de Maio	- <b>ASSEMBLEIA MAGNA</b> , no Fraião (domingo Santíssima Trindade). Eleição dos Corpos Sociais, Biénio 2016-2018
28 de Maio (?)	- <b>CAME</b>
02/03 de Julho	- <b>Peregrinação da Família Espiritana a Fátima</b>
08 de Setembro	- <b>Profissões Religiosas</b> , no CESM-SILVA .
09 de Setembro	- <b>Beato Tiago Laval</b> , - Missionário espiritano
24 de Setembro	- <b>Encontro das Beiras no Fundão</b> (ou Magusto em 5 de Novembro)
01 de Outubro	- <b>Encontro em Godim</b> : 50 anos do Curso de 1966/67 e 25 anos do Curso 1991/92. Organização dos ASES desses Cursos iniciados em Godim
02 de Outubro	- <b>Poullart des Places</b> , 1º fundador da Congregação do Espírito Santo
15 de Outubro	- <b>Encontro em Viana do Castelo</b> : 50 anos do Curso de 1966/67 Organização dos ASES desse Curso, iniciado em Viana
05 de Novembro	- <b>Magusto no Fundão (?)</b>
06 de Novembro	- <b>Magustos</b> nos Centro de Animação Missionária (domingo antes de 11/11)
12 de Novembro	- <b>Magusto Anual</b> , em S. Paio de Oleiros. Organização do Núcleo de Santa Maria da Feira

19 de Novembro	- <b>Encontro no Fraião</b> : 50 anos dos Cursos que entraram no Fraião no ano de 1965/66 - (Viana/Godim 1963/64) e 1966/67 - (Viana/Godim 1964/65) Organização conjunta dos ASES desses Cursos
17 de Dezembro	- <b>Assembleia Geral da UASP</b> (???)
27 de Dezembro	- <b>Reciclagem de Natal</b> , no CESM, Silva/Barcelos
27 de Dezembro	- <b>Conselho de Animação Missionária Espiritana (CAME)</b> na Silva às 14:30

#### 2017

02 de Fevereiro	- <b>Venerável Libermann</b> , 2º fundador da Congregação do Espírito Santo
11 de Fevereiro	- <b>Encontro do Minho</b> , (2º sábado) no Seminário da Silva. Organização núcleo Barcelos
28 de Fevereiro	- <b>Beato Daniel Brottier</b> , - Missionário espiritano.
01 de Abril	- <b>Encontro da lampreia</b> , em Melres, (1º sábado de Abril). Organização do Prof. Santos Lopes, do Núcleo de Gondomar.
22/23 de Abril	- <b>Encontro alargado na Torre d'Aguilha</b> (domingo de Pascoela). Organização do Núcleo de Lisboa.
11 de Junho	- <b>ASSEMBLEIA MAGNA</b> , no Fraião (domingo Santíssima Trindade)

**TRIMESTRALMENTE:** Publicação do Boletim "UNIASES"

## RELATÓRIO CONTAS

### ASES 2015

<b>RECEITAS</b>	<b>7.110,50 €</b>
QUOTAS-BOLETIM	6.360,50 €
BOLSAS	250,00 €
FUNDO SOLIDARIEDADE	0,00 €
CEPAC	500,00 €
<b>DESPESAS</b>	<b>-7.751,42 €</b>
<b>BOLETINS :</b>	
Impressão 177-178-179-180	-3.890,73 €
Expedição 177-178-179-180	-2.254,01 €
<b>BOLSAS - Entregues em 2015</b>	<b>-250,00 €</b>
CEPAC	-500,00 €
DIVERSOS	-856,68 €
<b>RESULTADO DO EXERCÍCIO</b>	<b>-640,92 €</b>

<b>SALDO DO ANO 2014</b>	<b>6.300,71 €</b>
Quotas	5.030,71 €
Bolsas	250,00 €
Fundo Solidariedade	1.020,00 €
Cepac	0,00 €
<b>NOVO SALDO PARA 2016</b>	<b>5.659,79 €</b>
Quotas	4.389,79 €
Bolsas	250,00 €
Fundo Solidariedade	1.020,00 €
Cepac	0,00 €
<b>SALDO CGD-BARCELINHOS EM 31-12-2015</b>	<b>5.659,79 €</b>

Fraião, 02 de Abril de 2016  
**A Direção**

## ASES – ASSEMBLEIA MAGNA 2016



Por força do artigo 19 dos seus Estatutos, a Associação dos Antigos Alunos do Espírito Santo (UNIASES) reuniu em AG, em Domingo da SS. Trindade (22 de Maio) para apreciação e aprovação do relatório anual e contas da Direção (com o parecer do Conselho Fiscal) e para apresentação do programa anual de atividades, complementando-se com a eleição dos seus Corpos Sociais para o biênio de 2016/18.

O seminário do Fraião continua sendo o local privilegiado para levar à cena tal tipo de manifestação associativa, embora não com aquele entusiasmo de outros tempos em que congregava grande número de alunos oriundos de longínquas paragens deste país, locais por onde passou a Congregação cativando os jovens com o espírito de Missão que a caracteriza. Adivinham-se, a curto prazo, obras de remodelação do Pavilhão Sul. Foi garantido, ainda que em área reduzida, um espaço (cubículo) para as coisas da UNIASES, a sua Sede.

Durante muitos anos, o Fraião foi local por onde passou, durante a sua formação, a grande maioria dos candidatos à vida de missionário. Por vicissitudes várias, já assim não é. Adaptado, em grande parte, a Lar que acolhe membros da Congregação, alberga, no pavilhão renovado e remodelado das antigas oficinas, o I Ciclo de Teologia. Depois, há a Silva, para prosseguimento do ensino secundário. O Fraião, lentamente, reveste-se de uma face esbatida do fulgor e bulício de outrora. É urgente começar que sejam pensados outros locais que acolham a Assembleia Magna do próximo ano, caso as obras se mantiverem. O P. Manuel Martins, atual “assistente” da UNIÃO, desde que falado com tempo, colocaria ao dispor o Seminário da Silva, como alternativa.

Cumpriram-se as formalidades constantes da Ordem de Trabalhos que se iniciou às 10h00 e os pontos agendados foram aprovados por unanimidade.

Assim aconteceu com o Relatório de Atividades de 2015/16, o mesmo sucedendo com as contas de 2015, após parecer favorável do Conselho Fiscal.

Foram aprovadas por unanimidade e aclamação as listas apresentadas para os Órgãos Sociais para o biênio de 2016/2018. Na constituição da Direção há a assinalar um rosto novo, o do José Nepomuceno da Sila Dias (G57) a ocupar o lugar de Secretário. Na Mesa da Assembleia Geral, registe-se a entrada de José Hermenegildo da Costa Machado (G64) em substituição de Serafim Gomes de Oliveira (G50) preenchendo o lugar que este deixou vago, o de 2º Secretário da Mesa da AG. Sangue novo de nova gente a chamar gente nova. Dadas as boas-vindas a estes recém-eleitos pela primeira vez que de imediato se integraram de corpo e alma nos cargos agora por eles assumidos. O Conselho Fiscal ficou bem entregue aos associados do Núcleo de Barcelos. Pouco ou quase nada mudou... como que uma evolução na continuidade.

O mesmo tratamento recebeu o Plano de Atividades para 2016/2017 apresentado pelo Presidente da Direção que salientou as tentativas feitas e a fazer para repor as “Beiras” na rota do programa elaborado.

Saudadas as presenças do P. Provincial, sempre atuante do princípio ao final do encontro, bem como a do P. Zé Maria de Sousa, de provecta idade, mas jovem no pensamento e alinhamento de ideias, figura bem-querida dos Antigos Alunos, mormente dos que tiveram a dita de compartilhar e aproveitar os seus ensinamentos.

De realçar a aprovação de uma parceria com a Editora LIAM no lançamento de novas obras (livros) de interesse comum tanto para a LIAM como para os ASES. Parabéns ao Armando Ferreira, promotor do projeto. Foi apresentado o livro AMAR como primeiro resultado de uma aposta editorial conjunta que se quer ganha e duradoura.

Na alínea sobre assuntos diversos (ponto 7) foram postos à consideração vários louvores interpostos pela Mesa da AG e pela Direção cujas nomeações mereceram a aprovação com aplauso. Foram preiteados a anterior Direção, em geral, e o seu Presidente, em particular pelo trabalho, mais-valias e boa condução dos destinos da Associação. Igual honra mereceu o associado Azevedo Moreira (S55) pela sua abnegada e eloquente colaboração no Boletim UNIASES através de cativante fluidez literária como só ele sabe e é capaz.

Pelas 11h40, o Presidente da Mesa da Assembleia dava por finda esta sessão da Magna do ano de 2016.

Na Eucaristia, presidida pelo Rev.do P. Provincial, Tony Neves, falaria sobre a sua recente viagem a Angola para visita dos confrades da Província Portuguesa que ali trabalham e se dedicam de corpo e alma à Missão. Pelos condicionismos (guerras, perseguições...), de todos conhecidos, apenas restam 6 membros espiritanos a trabalhar/missionar em toda a Angola. Um a um foram lembrados, dificuldades vividas foram contadas e enaltecida fé dos que dão a sua vida em prol dos mais pobres e desamparados. É caso para dizer: vasta é a messe, mas poucos os ceifeiros... Da recolha do Ofertório juntaram-se 280,00 Euros a ser repartidos, por igual, pelo CEPAC e pela comunidade do Fraião para manutenção e reparação de possíveis estragos.

A fotografia para memória futura. Por dissabores da meteorologia inconstante, o antepasto seria serviço no amplo espaço onde decorreu o festim prandial, a cargo do Restaurante Duas Pontes.

Animação quanto basta, o figurino de sempre a revestir estes encontros de família, com alegria e em sã convivência. O Tesoureiro a contas com regularização de quotas percorria as mesas enquanto o P. Zé Maria autografava o seu livro AMAR.

Inesquecível, a rabulice do Tesoureiro, com as cores do seu Braga, em dia e jogo de final de Taça. Superadas as dúvidas da realização

desta MAGNA no Fraião por estar previsto o início das obras no Pavilhão Sul, que foi adiado para data posterior, resta-nos agradecer à Congregação e

aos seus membros da Comunidade do Fraião que tornaram possível este deslize a contento de todos.

## NICOLAU E OS ASES

AS 101 e Sócio 109

Eloquente, versátil no mundo das artes; por muitos benquistado, por outros, mal-amado. De seu nome, João Nicolau de Mello Breyner Moreira Lopes, nascido em Serpa, em Julho de 1940, mais conhecido por Nicolau Breyner, simplesmente, o que me dispensa de demais apresentações.

Mas qual a sua relação com os Antigos Alunos do Espírito Santo (ASES)?

Por ocasião do seu falecimento ocorrido a 14 de Março, o Oliveira Coelho dava-me uma dica sobre essa relação/afinidade pois o seu pai fora Antigo Aluno (AS). Pouca atenção prestei. Com efeito, no nosso arquivo/ficheiro de antigos alunos ali vinha referida a matrícula de Nicolau Moreira Lopes, no Seminário Menor da Congregação, em Viana do Castelo, no ano de 1924. Mais cético quando deparei com a sua naturalidade: Covelo/Gondomar. E daí mais uma dúvida: como aproximá-la de Serpa de onde era natural o Nicolau?

Pesquisando a Internet, partindo da veracidade da mesma que acusava o seu nascimento no ano de 1915 e comparando-a com a que vem lavrada na folha de matrícula, que refere 1911, logo dei por mim a congeminar ou a duvidar da notícia recebida.

Talvez que fossem pessoas diferentes, nascidas em anos diferentes, mas com

o mesmo nome. Erro meu, mão à palmatória.

Após publicação do Boletim UNIASES, n.º 181, insistia o Custódio dizendo-me que havia perdido um furo noticioso. Parti em busca das fontes recomendadas,<sup>(1)</sup> acabando por lhe dar razão sobre as raízes “Recaredenses” de Nicolau Breyner, pois seus avós paternos (Nicolau Moreira Lopes e Hermínia Augusta das Neves Lobo) eram naturais de Recarei, Paredes.

Casados em maio de 1907, fixaram residência em Covelo, Gondomar. Deste casamento nasceram cinco filhos: Rosa, Luís (António das Neves Lobo - 1910), José, Silvino e Nicolau (Moreira Lopes - 1911); este último, o pai de Nicolau Breyner, entraria no Seminário Menor da Congregação do Espírito Santo, no ano de 1924, em Viana do Castelo, onde prosseguiria os seus estudos eclesiásticos, com tomada de hábito em Janeiro de 1928, em Braga. Antes da profissão dos Votos temporários, passou por Chevilly, França, onde fez o noviciado, 1930/1931. Os estudos superiores eclesiásticos na Universidade Gregoriana, em Roma, com passagem pelo Colégio Português de Roma. Não professou os votos perpétuos, desistindo da ‘carreira’ missionária por não sentir vocação eclesiástica, acabaria por se formar em

Letras, em histórico-filosóficas. Casaria em Agosto de 1939 com a aristocrata ‘serpense’ Augusta de Araújo Pereira de Mello Breyner Pereira não obstante a não-consensual aprovação devido a diferenças de classes e de outras origens. Ao tempo era professor no colégio particular de Serpa, o Colégio de Nossa Senhora de Guadalupe, do qual, mais tarde, seria o diretor.

Como tudo terá acontecido?

Se tivermos em conta que o fundador e responsável pela abertura do colégio de Nossa Senhora de Guadalupe, em Serpa, um sacerdote (P. Freitas?) com ligações a Gondomar parece tornar-se mais compreensível a aproximação. Foi chamado/levado, em primeiro, o seu irmão (Luís António) também antigo aluno do Espírito Santo – Braga 1922 – depois, Nicolau Moreira Lopes seguir-lhe-ia os passos na docência desse colégio, a princípio ambos como professores; mais tarde, este último ocuparia o cargo de diretor do colégio, enquanto seu irmão Luís vingava como vice-presidente da câmara municipal de Serpa.

Nicolau Moreira Lopes, o pai de Nicolau Breyner, faleceu, vitimado por um cancro no estômago, em Lisboa, no ano de 1964.

Desvendada está a surpresa!

(1) *Crónicas Recaredenses (subsídios para a história de Recarei)* 2013 Autor: Ivo Rafael Silva; *Nicolau Breyner, É Melhor ser Alegre que ser Triste* – 2010. Autor: Sarah Adamopoulos

## CURIOSIDADES

AS 101 e Sócio 109

Numa daquelas limpezas do baú das memórias já sufocado pelo pó e por papelada a que a traça-do-papel (lepisma) começava a meter o ‘dente’, eis que aos olhos do Rui Manuel Cavalheiro da Cunha (Viana do Castelo 1975) se depara uma autêntica relíquia, fortuitamente ali encontrada, descoberta a que o Facebook não será estranho. Nos contactos

há sempre a procura de algo mais que se conjuga em diálogo franco e aberto e em partilha entre colegas e condiscípulos, sem segredos.

A cena passa-se no ano de 1977, quando os alunos de Godim e Viana, matriculados em 1975, aprontavam as malas e/ou trouxas para ingresso no Fraião; demonstrando desvelo paternal, o P. João

Baptista Pinheiro, o Diretor do novo Ciclo, a ser iniciado nesse ano, envia carta/circular para fazer lembrar.

Segue a transcrição desse aviso/recado e que nos foi enviado pelo Rui Cavalheiro: «Bom e querido Amigo, Suponho que o Sr. P. Director de Viana ou de Godim já te disseram que o dia da entrada, no Fraião, é no dia 1 de Outubro. Se



não te disseram, ficas agora a saber: 1 de Outubro é o dia de entrada. Além de te indicar o dia de entrada queria pedir-te ainda o seguinte:

1. Traz a roupa toda marcada com o mesmo número que tinhas, mas toda, senão perde-se.
2. Vê se trazes a mensalidade do 1º mês ou até do 1º período, como quiseses.
3. Deves trazer ainda: 80\$00 para durante o ano escreveres aos teus pais de

- 15 em 15 dias; 68\$00, de acção social escolar; e como a roupa que vai a lavar é paga por cada um de vós, deve andar o seu custo entre 40\$00 e 50\$00. Depois veremos. E 30\$00 para o seguro.
4. Queria dizer-te que se for preciso comprar livros novos, serão pagos pelos pais, pois nós não podemos andar a comprar livros novos todos os anos.
5. Não esqueças calção branco e camisola para ginástica e sapatilhas. Podes trazer chuteiras.

6. Traz alegria e boa disposição.

Um abraço amigo do P. Pinheiro.»

Sem comentários... todos passámos por idênticas situações. Apenas para lembrar. Como as coisas mudaram... Cada qual por si julgue.... Claro que tudo dependerá do tempo em que se chegou ao Fraião, ultrapassado que foi o degrau do primeiro ciclo de então.

## ENCONTRO NA TORRE D'AGUILHA

Alberto Melo



No cumprimento do plano de atividades da UNIASES, o Núcleo dos Antigos Alunos dos Seminários do Espírito Santo – ASSES - da Grande Lisboa promoveu o seu habitual encontro anual alargado em domingo de Pascoela, (3 de Abril), reafirmando o seu tributo de homenagem aos fundadores da Congregação por tudo o que desta receberam e teimam, reconhecidamente, em perpetuar. O Seminário da Torre d'Aguilha foi o palco onde foi levado à cena este encontro/reunião/convívio, que contou com sete dezenas de presenças/figurantes, entre antigos alunos e familiares/amigos.

Em representação do Sr. P. Provincial, Tony Neves, sempre em andanças pastorais e de missionação, o Revdº Pe. Manuel Durães presidiu ao encontro abrindo a sessão com a tradicional invocação ao Espírito Santo, imagem de marca de tempos vividos, sempre que se iniciava uma tarefa comunitária.

Através de atraente e apelativo PowerPoint foi lançado o repeto pelo AS Armando Ferreira no sentido da criação de uma parceria editorial com a LIAM para

a edição/publicação de livros que possam interessar a ambas as partes, a ser ratificada na AG a realizar-se no Seminário do Fraião em 22 de Maio, Domingo da Santíssima Trindade.

A Eucaristia dominical foi abrilhantada com cânticos polifónicos harmoniosos acompanhados por excelente atuação musical, graças ao empenho e regência do Rogério Carmona que não se coibiu de trazer o “seu” organista das celebrações dominicais na Igreja de Santo António do Estoril, por sinal, irmão de um Antigo Aluno (o Francisco Cardoso G56), já falecido. Na homília, o P. Durães, em pleno dia dedicado à Misericórdia e em ano de Misericórdia, lembrou o apóstolo Tomé que na sua incredulidade contribuiu para a nossa fé que professamos porque acreditamos sem ter visto “... Felizes os que acreditam sem ter visto”. (Jo 21,29). Esta a nossa crença, o nosso ato de fé.

No final, teceu elogiosas palavras pelo excelente desempenho do grupo coral com particular relevância para o acompanhamento instrumental.

De referir que a coleta do Ofertório juntou 232,00 Euros, direitinhos para o projeto missionário dos espiritanos em Itoculo, Moçambique.

Seguiu-se a fotografia da praxe, que aqui se deixa para a posteridade, não sem uma certa confusão e parcialmente tomada.

Depois... depois foi o almoço melhorado com a animação a traduzir-se em crescente euforia, resultando em pequenos estragos: copo partido, idem para um quadro na parede, estilhaçado. O que lá vai, já foi. A compreensão tudo saldou: pequenos descuidos em ambiente festivo.

Após o bolo e espumante da Raposeira, desenterraram-se pautas musicais a que vozes, nem sempre bem afinadas, emprestaram sonoridade que se espalhou por toda a ala do edifício da Torre d'Aguilha. Era visível a satisfação a pedir repetição em próximos encontros.

Uma descida ao bar para café e digestivo. A azáfama era intensa: por um lado o Armando a dar o pontapé de saída na distribuição de alguns exemplares de “AMAR”, por outro era ver o Tesoureiro com o seu livrinho de recibo de quotas sempre pronto para recolher os fundos/quotas para a Associação que isto de viver do ar já não se usa. Que pedalada!... Em espírito de união e muita alegria prosseguiria este encontro até à debandada dos que, do Norte, ousaram aceder ao convite associando-se com as gentes do Sul a esta festa.

A todos os intervenientes que contribuíram para o sucesso desta manifestação familiar, os nossos agradecimentos; bem merecidos.

## NOTÍCIAS BREVES

### MAAES – MEMÓRIAS DOS ANTIGOS ALUNOS (COLÉGIOS E SEMINÁRIOS) DO ESPÍRITO SANTO

No anterior Boletim UNIASES (181, págs. 13 e 14) demos público conhecimento de “Uma Iniciativa Editorial no Seio dos ASES”, pela primeira vez aflorado no Encontro da Torre d’Aguilha, em 3 de Abril, p.p., e que viria a ser apresentado formalmente na MAGNA de 22 de Maio, no Fraião, e aprovado por unanimidade, estando assim dado o primeiro passo para a criação de uma parceria com a Editora LIAM.

As obras de comum interesse a publicar serão apreciadas por um duplo Conselho Editorial; o da LIAM, já constituído, e um outro, ainda a ser criado, que envolverá os ASES e será escolhido entre os Antigos Alunos que contribuíram/contribuem para o Fundo de Investimento (Crowdfunding), tornando-se automaticamente seus sócios, aos quais assiste o direito à aquisição até cinco livros por cada 50,00€ de contribuição para além da prerrogativa de escolherem a sua representação no Conselho Editorial.

Foi feita particularmente, aos já contribuintes, uma sondagem com a apresentação de uma lista proposta pelos promotores da iniciativa para a sua constituição que, no máximo e para evitar dispersão, integrará cinco elementos.

Lentamente, mas seguramente, o crowdfunding segue o seu caminho, aproximando-se dos 50% do montante projetado de 10.000€, no seu termo.

### UASP – JORNADAS CULTURAIS

Por Terras de Aquilino – “Terras do Demo” foi o tema/lema escolhido para a realização das jornadas culturais promovidas pela UASP (União das Associações de Antigos Alunos dos Seminários de Portugal), e que, por norma e anualmente, costumam desenrolar-se na época de verão; este ano em 9 e 10 de Julho.

Sob proposta apresentada por Avantino Beleza, do Seminário de Nova Lisboa, foi adotado um programa em torno da Serra da Lapa a oferecer aos interessados um vasto leque de oportunidades para o enriquecimento cultural (e espiritual, porque não?) ao par de um enriquecimento no campo geográfico sobre a beleza e encanto natural da região.

## Editora MAAES CROWDFUNDING

CONTA PT50 0033 0000 0068 0248 1970 5

(EXTRATO 2)

N.º	Data	Descrição	Valor €
<b>Saldo anterior (Uniases 181)</b>			<b>2.270,98 €</b>
13	01-04-2016	Manuel Álvaro Ferreira Silva	100,00 €
14	12-04-2016	António Almeida Miquelino	250,00 €
15	09-05-2016	Timóteo Jorge Moreira	500,00 €
16	23-05-2016	Manuel Valentim Costa	100,00 €
17	25-05-2016	José Cândido G. Ferraz	50,00 €
18	25-05-2016	Francisco A. C. Gonçalves	100,00 €
19	28-06-2016	Manuel Lopes Oliveira	50,00 €
<b>SALDO</b>			<b>3.420,98 €</b>
<b>DISTRIBUIÇÃO LIVROS <i>AMAR</i></b>			
42	Vendidos até 31-05-2016		504,00 €
51	Ofertas do Autor		
112	Consignação Pe. José Maria + Armando		
295	Stock LIAM		

Com epicentro em Vila Nova de Paiva, a atividade contempla visitas à Lapa e suas envoltórias (Santuário, Colégio, Museu, Nascente do rio Vouga) e a locais por onde Aquilino Ribeiro passou e deixou a sua marca, história, lendas e narrativas.

No périplo, estão contempladas visitas ao Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção (Tabosa), aos mosteiros cistercienses de S. João de Tarouca (1154) e de Salzedas (1168).

Daremos pormenores no próximo número.

## NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

### HOMENAGEM AO P. MANUEL GONÇALVES, CSSP

Em Alfena/Valongo, no passado dia 23 de Abril, foi prestada homenagem ao P. Manuel Gonçalves, missionário e formador/professor no Fraião e na Torre d’Aguilha. Mereceu igual e justo preito por terras de Angola por onde passou (Luanda, Malange, Huambo) cidade onde foi lançado o número especial (25/26) da revista “Missão Espiritana”, inteiramente dedicada ao homenageado com textos ao mesmo dedicados, uma seleção de textos por ele publicados e outros inéditos. As edições da revista têm-se esgotado; no entanto, caso haja interessados convém proceder a uma rápida reserva, junto da Direção da UNIASES, para uma feliz entrega, se possível.

### GODIM/RÉGUA

A Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo arrendou as quintas de Godim-Régua a uma empresa que dará continuidade à exploração das vinhas.

(À cautela, os amantes do precioso néctar do Douro que se cuidem. Parece haver ainda stock para satisfação da habitual clientela. Fora isso, aconselha-se contacto com o antigo aluno Pedro Conceição Ferreira Pinto (G63) e residente na mesma localidade de Godim, caso o mesmo esteja pelos ajustes, para possível indicação de outras fontes do ‘generoso’).

### OBRAS NO FRAIÃO

O velhinho Fraião tem passado por variadas remodelações e obras de beneficiação, sendo exemplo o Lar Anima Una, no

Pavilhão Norte e Central, que acolhe membros da Congregação, ali residentes, na sua maioria já idosos e/ou adoentados, aos quais são prestados, a tempo inteiro, os indispensáveis cuidados de saúde.

Já o complexo oficial de outrora, que serviu de escola na formação de irmãos leigos e os tornou mestres nas artes e ofícios, também foi remodelado e adaptado para acolher o 1º Ciclo de Teologia.

Virados que foram o Pavilhão Norte e o Central, só faltam recair sobre o Pavilhão Sul obras de renovação que lhe retirem aquele aspeto de casa meio-ensombrada adaptando-a a novas valências e outras comodidades para os dias de hoje. Assim, irão decorrer obras a partir dos altos da capela e dos sótãos por cima dos dormitórios do Pavilhão Sul.

Longe, o fulgor e o bulício de outros tempos; espera-se da nova reabilitação uma requalificação que revitalize o edifício e o seu espaço envolvente.

Espera-se que as obras decorram a bom ritmo; no entanto, desde já recomenda-se à Direção alternativa de local para a MAGNA de 2017.

### 150 ANOS DA CONGREGAÇÃO EM PORTUGAL

A 8 de Setembro arrancará pelo período de um ano a celebração da presença da Congregação do Espírito Santo em Portugal.

Em rápida retrospectiva, foi no ano de 1867 que o Padre Duparquet, ponderadas que foram as alternativas apresentadas, se fixou, em Outubro desse ano, em Santarém, que prevaleceu sobre as intenções que Coimbra ou Lisboa ofereciam.

Assim, por decreto de 31 de Agosto de 1867 da Casa Mãe, foi decidida a fundação da primeira casa da Congregação em

Portugal, naquela cidade ribatejana, sob o título de Seminário do Congo. (Ver Capítulo 4, págs. 29 a 39 da História da Província Portuguesa 1867-2004, do P. Adélio Torres Neiva).

Apela-se à atenção de todos sobre o programa de atividades traçado ou a traçar para uma maior cooperação dos antigos alunos nas iniciativas a desenvolver. Dentro deste contexto, a Editora MAAES está a desenvolver um trabalho que consiste na recuperação e digitalização das partituras polifónicas (profanas e litúrgicas) de compositores espiritanos, e não só, a ser executadas por grupos corais em atividade, nos quais se podem integrar parte desses antigos alunos de boa vontade e com apetências musicais.

No próximo número daremos conta das atividades programadas para celebração/comemoração dos 150 anos da Congregação em Portugal.

### CONSELHO GERAL ALARGADO

De 19 de junho a 2 de julho, representantes de todas as regiões onde os Missionários do Espírito Santo trabalham estão reunidos em Roma em Conselho Geral Alargado (CGA). O grande objetivo desta reunião consistirá na avaliação e implementação das resoluções tomadas no último Capítulo Geral que teve lugar em Bagamoyo, na Tanzânia, em 2012.

A abertura teve lugar no Domingo, dia 19, ao fim da tarde, com um momento de oração. O primeiro dia, como é habitual, foi de reflexão e oração, e foi orientado pelo P. Michael Brehl, Superior Geral dos Redentoristas. A partir do Evangelho, da Regra de Vida Espiritana e dos documentos do Capítulo de Bagamoyo foram apontadas algumas pistas de reflexão.

Aguardemos pela sua conclusão para mais informação e notas.

## AMAR

**É a primeira publicação conjunta da parceria das Editoras LIAM e UNIASES e que se insere dentro das coordenadas do projeto MAAES (Memórias dos Antigos Alunos do Espírito Santo).**

**O seu lançamento formal e público está previsto para o próximo mês de Outubro, em Alfena, terra natal do autor por ocasião de uma homenagem ao mesmo.**

**Particularmente, em roda de amigos, já vem sendo difundido, nomeadamente, em encontros de Antigos Alunos do Espírito Santo (ASES).**

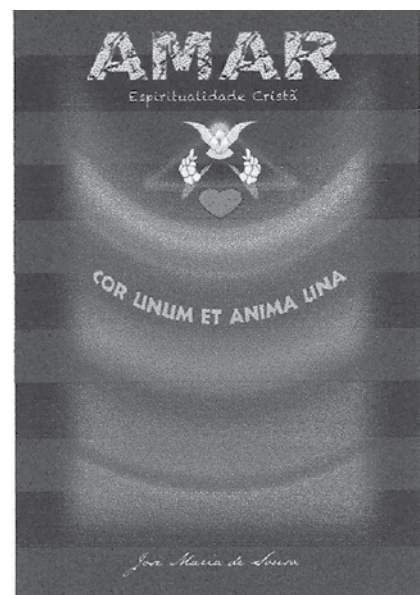
**Livro de cariz vincadamente de espiritualidade cristã, da autoria do P. José Maria de Sousa, sobre o qual transcrevemos o artigo publicado na AÇÃO MISSIONÁRIA de Maio de 2016.**

“O P. José Maria de Sousa, Missionário Espiritano, bebeu da fonte dos Fundadores desta Família Religiosa. Sempre atento aos sinais dos tempos, foi um Missionário grande e criativo em Cabo Verde, nos Estados Unidos, em Angola e em Portugal. Anunciou o Evangelho do AMOR e espalhou competência, simpatia e fé pelas terras onde andou.

Marcou de uma forma definitiva os muitos alunos que lhe passaram pelas mãos, sobretudo nos seminários de Portugal e de Angola. O prestígio de que goza entre os Antigos Seminaristas do Espírito Santo (ASES) prova bem tudo quanto o que se acaba de dizer sobre este Missionário.

São precisamente seus antigos alunos que estão a exigir a publicação deste “AMAR”, depois do “PENSAR”, já editado. A ideia de o lançar à porta do jubileu dos 150 anos da chegada dos primeiros Missionários Espiritanos a Portugal mostra o apreço do autor pela Congregação a que pertence.

Há valores que estão gravados nas páginas dos Evangelhos e têm que passar do livro escrito para o livro da vida quotidiana. Este é, pela certa, o grande desafio que o P. José Maria de Sousa nos lança, enquanto seus leitores. Palavras que se transformam em vida são decisivas para o presente e futuro da humani-



dade. O autor, do alto dos seus 90 e muitos anos, tem essa consciência e sente essa grande responsabilidade.”

In AÇÃO MISSIONÁRIA, Maio de 2016



## SEMINÁRIO DE GODIM

SÁBADO - 1 DE OUTUBRO



### BODAS DE OURO DE 1966

Comissão Organizadora:

**João J. Dias Sarmento:**

259 417 881 / 963 874 580

joaosarmento-3080p@adv.oa.pt

**Cesário M Ferreira:**

254 320 560 / 968 036 359

cesario.ferreira-1995p@advogados.oa.pt

**José Nascimento Magalhães**

252 810 621 / 966 168 717

ze.magalhaes@javsport.pt

### BODAS DE PRATA DE 1991

Comissão Organizadora:

**São 14: nomes e moradas no último  
UNIASES (nº 181)...**

**Ninguém se manifestou...**

## SEMINÁRIO DE VIANA DO CASTELO

SÁBADO - 15 DE OUTUBRO



### BODAS DE OURO DE 1966

Comissão Organizadora:

**Manuel Silva Coelho**

253 821 205

mcoelho282@gmail.com

Os nossos 50 anos da entrada nos Seminários de Godim ou Viana vão ser devidamente assinalados. Os encontros constarão com reunião - assembleia pelas 10h30, seguida de Eucaristia (para quem quiser) e almoço, nas instalações dos Seminários.

**Tragam as Esposas, Filhos, Netos...**

**Não esperem o contato da Comissão...**

*Inscrevam-se com antecedência para que se possa organizar tudo com brilho!*

ases@portugalmail.pt

253 951 257 / 919 441 970

# CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

## ...Respostas Breves

Alberto Melo

### POBREZA FRANCISCANA

Franciscana ou espiritana, não importa qual, é a pobreza da indiferença que mais nos choca e de que a presente rubrica é inquestionável como ressalta à vista: diminuta correspondência recebida, logo — Sem ovos não se fazem omeletes.

Comentários para quê?

**José Luís Sousa Moreira Neto**

G55

Comunicou o seu novo endereço eletrónico joseluisneto44@gmail.com e do qual damos aqui conhecimentos a quem esteja interessado, procedendo à sua atualização em nossos ficheiros. Agradecemos o gesto demonstrativo de quem não quer perder o contacto.

**Manuel António Pousa**

G57

Obsequiou-nos com a sua última publicação Ex-Combatente: ...Oh, se doeu! Quem tu serviste já te esqueceu?! Cinquenta e um (51) sonetos eivados de queixume e amargura sentida no peito de quem deu o corpo ao manifesto.

Um livro, na primeira pessoa, que faz o relato sentido, amargurado de quem viveu uma guerra colonial, designadamente a de Angola, para onde foi empurrado. Não era a nossa guerra, a dos milicianos. Muitos de nós, geração dos anos 40, onde me incluo, passaram por idênticas situações.

Aconselhamos a sua leitura, não só para recordar, mas também para repensar. Terá valido a pena?

**P. Carlos José Delgado**

G58

Creio andar atrasado nas quotas... por isso aqui vai uma oferta para repartir por onde acharem bem.

Assim procedessem todos os Antigos Alunos que temos em nossos registos e o Tesoureiro dormiria descansado. Podes ter a certeza, amigo Delgado, que tudo será reencaminhado para o sítio certo. Obrigado!

**Manuel J. Barreiras F. Pinto**

G59

Entreí no Seminário do Espírito Santo em Godim no Peso da Régua no ano de 1959, onde estive um trimestre apenas. Num encontro promovido pela UNIASES (Associação dos Antigos Alunos) tive a enorme alegria de ser reconhecido por

alguns colegas que já não conhecia e de quem pouco ou nada me lembrava.

Tenho recebido notícias pelo Boletim, mas, infelizmente, não tenho podido aparecer a encontros, magustos ou outros eventos. A vida tem destas coisas... Aceito que me enviem o Boletim através do e-mail, poupa-se papel e despesas de envio pelos CTT...

Aproveito para proceder a transferência bancária para regularização de quotas. Estarei atento ao correio para saber novas dos meus amigos.

Sem outro assunto, um abraço.

Para nós, independentemente do tempo, é tão antigo aluno aquele que esteve um trimestre como o que permaneceu durante anos nas casas de formação da Congregação. Que tal não constitua obstáculo no seio da UNIASES.

As notícias que fazemos circular dependem da vontade de quem nos escreve... Este não parece ser um trimestre propício para dar largas noticiosas.

Caso estejamos de posse do teu endereço eletrónico, que de momento ignoro, faremos o seu envio por essa via. O Tesoureiro providenciará...

**José Manuel Matias Mendes**

G63

Confidencia-nos que gostava de saber qual a quantia que tenho em falta, por quotas não pagas, entenda-se.

Deixamos à consciência de cada associado a responsabilidade e obrigação do pagamento da sua quota anual que, por proposta apresentada na MAGNA de 2013-05-26 e aprovada por unanimidade, foi fixada em 10,00 euros como valor mínimo. Outros valores são aceites como tal, desde que não provoquem erosão na economia doméstica e familiar de cada associado.

Comentários à parte... Estás em dia. Obrigado!

**Olindo Geraldês**

G64

Comunicou o seu novo número de telemóvel, que colocamos ao dispor de quem no-lo solicitar, apresentando, ao mesmo tempo, cordiais cumprimentos a todos os antigos alunos do Espírito Santo.

Apreciamos a atitude deste novel juiz do STJ.



## ECOS do BOLETIM n.º 181

"Agradeço ao Cunha Pinto o envio do UNIASES, em modo PDF, bem como a todos os que mantêm vivo este elo que sustenta coesa uma relação com bases comuns. Quando leio o UNIASES, no fim, depois de ter passado ao email seguinte, costumo ocupar algum tempo em íntima reflexão. Pelo que li, pelos nomes que se afluam, novamente, dentro de mim, pelo que poderá significar a continuação de um espaço de leitura como o UNIASES, pelo que se escreve, pelo que não é dito, por sei lá mais o quê.

Não vejo o UNIASES como um mero produto de agregação religiosa. Agrada-me mais vê-lo como um lugar cativo para adoçar algum passado e remoçar o futuro, se tanto é possível. Cada um dos Ases saberá e sentirá as motivações que levam a continuar. Por mim, continuo a dizer: presente, sem ambiguidades nem omissões - apenas com a devida reserva. O melhor que se pode dizer de um homem é o mesmo que se pode dizer de uma mulher: que é honrado(a). Todos sabemos o que significa ser honrado. Senti-me sempre no meio de homens e mulheres honradas. Não é a religião o que nos une, como também não é o que nos separa. De todo. O que nos une, ao menos do meu ponto de vista, será o que cabe na concha do silêncio compartilhado, nas palavras que nos identificam, na serenidade assumpta que todos ansiaremos, num elevado sentido de justiça, numa audição do Outro, sem reservas excessivas nem recriminações infundadas. Penso e sinto que ninguém concede ser julgado como homem que não se pauta por princípios de boa-fé. Fé será outra coisa, de que não ouse escrever uma palavra que seja. A intimidade é com cada um. A boa-fé espelha-se em todas as formas assumidas no comportamento quotidiano. Tenho visto, tanto quanto os olhos da alma me permitem, boa-fé e respeito. É por isso que, desajeitadamente, me limito a não me ocultar nem me devassar.

Há ASes com quem mantenho relações de grande proximidade. Valeu a pena. Que a saúde do Melo não seja mais motivo de apreensão. Aos nossos desejamos sempre o melhor. É o que desejo a todos os que se possam sentir agregados e congregados neste extenso e abusivo registo. Nada reclamo. Nada exijo. Nada peço, a não ser compreensão e tolerância, no que não viole a essência de cada um. Um fraterno e intenso abraço a todos os ASes, em especial àqueles que sabem que os guardo bem fundo no mais fundo de mim.

Com fraterna amizade."

Arnaldo da Fonte - G61

"Boa tarde, ao Arnaldo e a todos os outros que, como eu, têm o prazer de o ter como Amigo e, de certo modo, como confidente:

Também, como ele, já dei a primeira vista de olhos sobre o UNIASES. Por mim, é assim: eu nunca leio o UNIASES todo "de fio a pavio", vou-o lendo, lentamente, hoje, amanhã, à noite, quando tenho tempo e quando o não tenho, enfim... E vou tendo as mais diversas sensações! Vejam só agora: já tinha lido a página 2 sobre as notícias breves e tinha-me ficado a sensação de que ali havia algo que "me interessava". Tornei a lê-la agora e lá encontrei coisas que me fizeram recordar uma série de questões (ou coincidências), de que destaco estas duas:

1. Eu deveria conhecer uma série de "gente" de Sobral de Ca-

segas/Covilhã a que a notícia "Do Luxemburgo - A Emigração Portuguesa" se reporta e, por razões que não descortino, revivo, tento reviver, uma e outra vez...e nada -só me vem à memória o Pacheco-mais ninguém! Para além disto, esta notícia faz-me lembrar que estávamos, afinal, quase todos "fadados" para sermos "viajantes", para sermos "espalhados" por todo esse mundo fora, uns com batina, outros com beca ou toga, outros com as mais diversas indumentárias e outros finalmente sem indumentária nenhuma!...Recordo (e sobretudo recordo-me) várias vezes aquele autêntico "murro no estômago" que nos deu o Maia Neto (Chico Maia para os Amigos) quando nós, algures em Aveiro, um pouco inadvertidamente invocávamos os "famosos" dos nossos diversos cursos (no Seminário e em Coimbra: um era da Judiciária (como o Artur Pereira...) outro estava nas Prisões (como o Torrão), este era Juiz, aquele era Advogado, aquele outro era Professor, enfim e o outro era não sei quê... e o Chico, com aquela calma e pose de alguns bons (e batidos) magistrados desabafa:

- Bom, não sei se vós sabeis...o A...s é um dos muitos sem-abrigo do Porto! (e o nome deste AS começava (e começa), estranha e coincidentemente, por um A e termina num S!...

2. A outra coisa que a supra referida página 2 me recorda é uma série de curiosidades relacionadas com o AS Custódio Montes, que não conheço, a saber:

- Quantos tiveram que sair lá de cima do Fraião...e tiveram que vir para o D. Diogo de Sousa, onde me parece dava aulas, autor de um livro célebre de Literatura Portuguesa, com capas verdes (que alguns como eu terão...) um tal Professor Barreiros?...

- Por outro lado, será verdade aquilo que à época se dizia entre nós que muitos desses nossos Colegas eram "expulsos" (meu Deus, não gosto nada desta palavra! Se as palavras ladrassem...esta era um cão terrível, como o 'Bravo' que eu tenho lá em cima na minha casa!...)...eram expulsos, dizia, porque não tinham vocação e alguns não tinham vocação porque não tinham as notas que os Srs Padres lá de cima queriam?!... E depois, esses mesmos, vinham cá para baixo, para o D. Diogo e davam lições/explicações aos outros colegas, designadamente de Latim e de Grego?... Esta, o nosso AS Montes poderá dizer de sua justiça e clarificar.

- Quantos de nós encontraram em Coimbra uma segunda casa continuadora do seminário (após Godim e Viana, surgiram as três fases seguintes: Pavilhão Sul, Pavilhão Norte e Pavilhão Coimbra)!...

- Finalmente: alguns desses muitos que passaram pelo Pavilhão Coimbra continuam ligados a duas coisas que marcarão (e continuam a marcar) uma parte significativa dos que passaram pelos Seminários: a Música e a Poesia! Ah, se não fossem estes dois esteios!... Por mim, só por isso...já teria valido a pena andar no Seminário! Por isso e por "esta cabecinha pensadora e arrumada", embora louca... louca... louca!

E pronto, vou dar descanso a esta cabecinha, após deixar um Abraço a todos (aos "famosos" de nós todos, mas sobretudo aos menos "famosos", eventualmente aos sem-abrigo de nós). Permito-me deixar dois abraços especiais: ao Arnaldo e ao Melo (e que recuperem breve e bem)."

Carlos Almeida - G61

# O ESPÍRITO SANTO E EU (...) (Continuação do N.º 181)

Disciplina: Castigos, Incentivos & Capítulos

Boanerges F. Borges

## CASTIGOS (...)

Desde logo, as palmatórias eram fabricadas como se se tratasse de uma obra de arte ou decoração, para emprestar maior solenidade ao castigo. Um cabo cilíndrico de madeira polida e com enfeites torneados, com cerca de 40 centímetros, terminava numa rodela com uns 3 centímetros de espessura e mais ou menos 7 de diâmetro. A rodela era ornada com 5 furos que a trespassavam de um lado ao outro e cujo efeito veremos a seguir.

De acordo com a gravidade do erro dado ou da falta cometida, o aluno podia ser punido com uma, duas, três, meia dúzia ou uma dúzia de reguadas ou palmatoadas. Normalmente, o único juiz era o professor ou a professora. O punido era convidado a estender o braço com a palma da mão voltada para cima. O professor/carrasco, com uma das mãos segurava-lhe a ponta dos dedos e, empunhando a palmatória na outra mão, erguia o braço e descarregava-a com toda a força na mão espalmada da vítima. O impacto produzia um estalido seco, a mão descaía e o sentenciado, normalmente, gemia de dor, ampliada pelos ditos furos que ficavam desenhados e empolados na pele enrubescida da palma da mão. Quando o castigo implicava mais do que uma palmatoada, iam alternando, mão direita, mão esquerda, teoricamente para atenuar a dor ou não provocar demasiados estragos numa só mão.

A minha memória não identifica o local e apagou as circunstâncias do como e do porquê, mas mantém vivas as dores, a vergonha e a revolta que senti, quando apanhei um ou mais “bolos” de palmatória, como era hábito dizer-se, pelo menos uma vez na minha vida. Também tive de aconchegar a mão em brasa debaixo do sovaco e soprar de vez em quando para aliviar a dor, que se mantinha durante horas, enquanto a mão recuperava a sensibilidade e a mobilidade.

E havia ainda mais uma circunstância agravante: - o aluno não só não se atrevia a queixar-se aos familiares, como ainda procurava esconder que tinha sofrido um castigo, por recear sofrer um outro em

casa, ou, pelo menos, uma reprimenda. Partia-se sempre do princípio de que, se o professor aplicara um castigo, era porque o aluno tinha feito das boas e, portanto, merecia esse e muito mais. Era vulgar ouvir os pais dizerem aos professores: - olhe que se o meu filho merecer algum castigo, não lhas poupe. Eram assim os costumes e as mentalidades daqueles tempos.

Os seminários do Espírito Santo não eram nenhuma exceção, nem constituíam um oásis de modernidade neste pântano de violência gratuita. Procediam exactamente de acordo com os padrões que atrás descrevi, havendo, naturalmente, algumas estrelas que se destacavam por este ou por aquele aspecto. Recordo, por exemplo, o Director de Godim, o Padre Oliveira, um homem de boa estatura, um tanto anafado e de ar bonacheirão, que era especialista na lambada. Toda a gente tinha a sensação de que ele sentia um prazer mórbido em esbofetear os alunos.

É claro, que eu também não escapei de ser um dos infelizes contemplados com uma chapada da mão sapuda do Padre Oliveira. Uma vez mais, não me recordo do motivo nem das circunstâncias em que sofri a punição, nem sequer da intensidade da dor. Recordo, sim, um sentimento de revolta, por pensar que o castigo era injusto e pelo facto de sentir vergonha por ter sido esbofetado diante de toda a gente, que me olhava com ar de gozo e um certo regozijo.

De facto, observava-se um fenómeno curioso perante estes castigos que, normalmente, eram aplicados em público, para servirem de exemplo a quem tivesse a veleidade de não se portar convenientemente: - os colegas, em lugar de ficarem contristados perante o sofrimento e a vergonha do aluno castigado, sentiam um certo regozijo por aquele estar a passar as agruras que eles já passaram ou poderiam um dia vir a suportar e nem se eximiam de troçar e fazer comentários jocosos sobre a situação do colega em apuros. Evidentemente, o gozo era tanto maior, quanto maior fosse o conceito em que o aluno era tido, pelo seu bom com-

portamento ou pelo bom aproveitamento escolar.

No início deste capítulo, refere-se um dos castigos mais radicais, utilizado ao longo dos tempos em todos os estabelecimentos de ensino, a expulsão do aluno. Normalmente esse castigo só era empregue por questões comportamentais e em situações extremas. Se quisermos fazer um paralelo entre ensino em geral e a Congregação do Espírito Santo ou outro seminário qualquer, facilmente nos apercebemos que alguns aspectos comportamentais, que passariam despercebidos em qualquer estabelecimento de ensino, poderiam ser julgados com grande severidade no seminário, por razões óbvias. Fui disso um exemplo vivo.

Apesar de ser aluno de quadro de honra, conforme já referi, as minhas notas em comportamento nunca foram grande coisa e reflectiam com exactidão o pouco empenho que eu revelava nos estudos e o grande empenho nos recreios e actividades lúdicas. O director, P. Antunes Pinto, chamou-me várias vezes a atenção para o facto, sem que daí resultasse alteração significativa e permanente na minha forma de estar. Até que um dia....

Estava eu no 4º ano e fui chamado, sem qualquer aviso prévio, à sala de visitas que ficava junto à portaria, do lado direito, por baixo da enfermaria. Estava lá a minha mãe, de pé, toda vestida de negro como era seu hábito desde a morte do meu irmão Augusto. Fiquei surpreendido e confuso por me parecer impossível vê-la naquele local, completamente só, pelo menos não dei por que estivesse acompanhada, com ar contristado, abatido e os olhos pisados e húmidos de chorar.

Depois do beijo da praxe e umas palavras de circunstância, lá me foi dizendo, com as lágrimas a correr pelo rosto sofrido, a causa da sua presença, apesar de se encontrar doente, conforme era demonstrado pelos lábios feridos, em consequência das febres altas que a atormentavam havia vários dias: - o Director convocara a urgente presença dos meus pais para tratar de assunto grave. E o assunto grave era que eu iria ser expulso porque tinha um comportamento que não se

coadunava com o de um futuro sacerdote: - andava permanentemente a rir, levava tudo para a galhofa, só pensava em brincadeira e em me divertir. E até saiu o velho ditado de que “muito riso era sinal de pouco siso.”

Pareceu-me ser avisado não fazer comentários e esperar pelo que viria a seguir. Confessou-me que, depois de muito chorar e implorar ao Senhor Director, este

lá condescendeu em me deixar ficar mais algum tempo sob observação, desde que eu promettesse solenemente que me iria emendar. É claro que eu estava sinceramente triste e compungido com tudo o que se estava a passar e, muito especialmente, por ver a minha pobre mãe naquele estado lastimoso, e prometi. Naquele momento, prometia-lhe tudo o que ela quisesse.

Lá nos despedimos e certamente que, a partir daí, muita coisa mudou, eventualmente também os olhos com que passaram a olhar para mim. De outro modo seria difícil explicar a minha nomeação como zelador e a dispensa de fazer os exames do 6º ano que relatei noutra capítulo.

*(Continua no próximo Uniases)*

## CANTEMOS O S. JOÃO

### A FESTA COMO TEMPO DE RENOVAÇÃO

José Machado / Braga/ 2016

**Cantemos o S. João / cantemo-lo outra vez / Que o S. João bem cantado / A todo o tempo tem vez.**

A abertura oficial das festas sanjoaninas em Braga tem-se feito, há uns anos para cá, ao som dos cantares a S. João, muitos deles provenientes da tradição oral. Este ano não foi excepção e o grupo a que pertenco e que dirijo artisticamente, a Associação Cultural e Festiva «Os Sinos da Sé», cantou alguns temas do cancionero popular tradicional. A própria festa sanjoanina celebrou-se este ano com uma circunstância especial, a de a capela de S. João da Ponte perfazer 400 anos que foi erigida, para precisamente mais dignificar e celebrar as festas que então a cidade e o seu governo promoviam ao S. João e que constavam sempre de uma complexa mistura de momentos religiosos e profanos, naqueles predominando a solene procissão e nestes a montaria ao porco que era libertado pelos campos e pelas ruas e disputado por nobres e plebeus de uma parte e de outra do rio Este, cabendo a sua sorte àqueles que o caçassem. Este velho e persistente ritual de socialização da festa, garantindo uma boa mesa e comezaina, foi com o tempo caindo em desuso, substituído por outros mecanismos de jogo e diversão e por outros processos de angariação e garantia de bodos ou alimentos. A festa sanjoanina é por si excessiva em tudo quanto ao humano diz respeito e no sagrado ainda é de maior complexidade o seu entendimento. A narrativa sobre o Precursor tem todos os ingredientes que desafiam o entendimento e a fé e por isso ela se mantém com toda a espectacularidade e encantamento: a voz daquele que bradava no deserto foi tão incómoda como



sedutora, abriu um tempo novo à compreensão do sentido da vida, associou a si todas as dimensões da transcendência, mas também todas as dimensões do desejo e do prazer, culminando naquele momento de absoluta surpresa que foi o pedido da cabeça do profeta numa bandeja para satisfação de tudo quanto se possa considerar o exercício totalitário do poder. Toda a narratividade da festa sanjoanina mantém presente uma catequese extrovertida da vida de S. João, faltando-lhe, explicitamente, o episódio da sua prisão e degolação, mas deste encarregou-se a cultura popular, o folclore das lendas e das cantigas, o imaginário das suas representações e tudo quanto é a indiciação de amores, desejos, confrontos e disputas, ciúmes e traições, de fazer a devida transferência e o necessário recalçamento, auxiliados pelo tempo da festa, o solstício de Verão, o dia mais longo e a noite mais breve, faces que o Tempo tem para simbolizar o ciclo da vida. Em Braga, este ano, a festa retomou o auto de S. João de Gustavo Sequeira, uma representação de 1939, trazida à cidade pela companhia de Teatro de Robles Monteiro e Amélia Rei Colaço, mas agora numa recriação da Confederação Projecto de Investigação Teatral, do Porto, e que teve lugar em

frente ao palácio do Raio, tendo dado um cheirinho na noite de 18 de Junho na II Gala de S. João no Teatro Circo. O Cancioneiro Minhoto, essa obra fundamental para as músicas de tradição oral, recolhidas e organizadas pelo professor Gonçalo Sampaio, botânico e folclorista de renome, esteve também em destaque na II Gala Sanjoanina, através do desempenho artístico de grupos variados. O que se pretendeu foi trazer para o usufruto contemporâneo o repertório musical consagrado pela tradição, sobretudo os cantares polifónicos de trabalho e as modas de romaria, mantendo a outiva popular mergulhada em harmonizações naturais que garantiram a identidade mas também motivaram outras criações. A festa é este enchimento do espaço público com propostas de usufruto cultural ou recreativo ou espiritual que sustentem a nossa afirmação vital. As escolas também não se afastam destas vivências e integram-nas curricularmente em projectos variados no sentido de motivar e desenvolver o conhecimento e a educação. Estudar, recriar, retomar e recombinar as músicas, como as histórias, como os acontecimentos, é trabalho que nos importa sublinhar em momentos festivos, os mais propícios aos apelos de renovação.



## DE CARCAVELOS AO GUINCHO

A.M.

Utilizando a A5 a partir da portagem de S. Domingos de Rana/Carcavelos num ápice se chega ao Guincho. Bom para quem tem pressa, sempre a direito e sem o deslumbre paisagístico que oferecem outras vias.

Optando pela via-férrea, a partir da estação de Carcavelos, outro é o negócio. A maior parte do percurso é feito na orla marítima junto às praias da costa do Estoril, a visão esbarra no Cabo Espichel e alcança, contornado que foi o Bugio, a Serra da Arrábida. Chegados a Cascais, é só tomar um autocarro em direção ao Guincho e espriar os olhos até à linha do horizonte. Para os mais corajosos, afoitar-se a uma caminhada de cerca de oito a dez quilómetros ou utilizar a ciclovia que bordeja o itinerário a partir da Guia, trajeto não aconselhável em dias de fustigante ventania. Um mar frio e por vezes furioso, se desfazendo, impiedoso, contra a costa predominantemente rochosa, dunas instáveis em movimento por influência eólica, no sentido noroeste para sudeste...

Nenhuma das alternativas colherá os frutos pretendidos acerca do assunto que aqui queremos versar: os fortes alinhados ao longo da costa entre Carcavelos e o Guincho/Praia do Abano.

(Dizem que, vista do mar, é uma coisa incontável; dela não me pronuncio porque nunca a utilizei).

Uma viagem que sempre me fascinou ao longo dos anos e revisitada, amiúde, em passeios domingueiros, para reconforto do corpo e da alma.

Entrecortado por pequenos passeios pedestres, quando necessários, é aconselhável um percurso de automóvel ao longo da estrada marginal para atentar numa série de fortificações sobranceiras ao mar, entre fortes e fortins, plantadas em datas recuadas dando conta de acontecimentos históricos, nomeadamente na época da Restauração e confirmação da Independência Nacional ocorrida a partir de 1640.

Os fortes, construções abaluartadas e autênticas sentinelas, possuíam uma componente protetora e dissuasora, foram levantados para defesa da costa marítima e de Lisboa de piratas e inimigos, que inundavam as águas marinhas na desembocadura escancarada da Barra do Tejo em autêntica provocação para o assalto aos tesouros da coroa e especialidades do reino.

Com essa finalidade foram mandadas construir no reinado de D. João II (1481-1495) a Torre de Santo António de Cascais e a Fortaleza de S. Sebastião da Caparica; no reinado de D. Manuel I (1495-1521) foi construída o Baluarte de Belém, hoje Torre de Belém. O conjunto destas fortificações constituía o plano defensivo da barra do Tejo, projetado em tempo de D. João II. Mais tarde, no reinado de D. João III (1521-1577) iniciar-se-iam as obras de construção do Forte de S. Julião da Barra.

Rudimentarmente guarnecidas de pesado material bélico, estas eram as principais fortificações da costa e que se integravam no plano defensivo de Lisboa, às quais se devem juntar algumas naus abaluartadas e apetrechadas com bocas de fogo, sedeadas na foz do Tejo. Era este o panorama que o Duque de Alba, ao serviço de Filipe II de Espanha (1527-1598) procurou evitar quando com suas tropas desembarcou no ano de 1580 a ocidente de Cascais, (nas plataformas rochosas mas de suave declive na maré baixa, no espaço hoje compreendido entre o Forte da Senhora da Guia e o Forte de S. Jorge de Oitavos), prosseguindo por terra a sua marcha vitoriosa até Lisboa depois de uma fraca resistência em que o exército português foi desbaratado.

Assim ficou aberto o caminho triunfal de Filipe II de Espanha (Filipe I de Portugal) para o seu novo reino a que, legitimamente, reclamava o direito de sucessão por se encontrar dentro da linhagem da descendência monárquica portuguesa. Tempos conturbados, rotulados de crise da sucessão por o rei de Portugal, D. Sebastião (1554-1578) não ter deixado herdeiro da coroa. (1)

Até aqui, pouco ou muito pouco a ver com o tema que nos propusemos expor e a convidar, os que nos leem, a um regresso ao passado pós anos de 1640, - Restauração da Independência de Portugal -, em que foram mandados edificar, entre 1642 e 1646, fortificações ao longo da costa marítima de Cascais e que ainda hoje se conservam e que foram ponto de referência histórica na afirmação e consolidação de uma nação independente e na defesa do acesso à capital do Reino por inimigos e corsários bem como na proteção de vilas ribeirinhas e suas gentes. Esse foi o grande projeto a que se lançou D. João IV, (1640-1656) que teve em D. António Luís de Menezes

(1596-1675), Governador da Praça de Armas de Cascais (Marquês de Marialva e Conde de Cantanhede) o estratega e responsável pelas obras de reforço da barra do Rio Tejo para além de valioso e ativo elemento à época da Restauração.

Nem todos esses fortes, ora restaurados e remodelados, chegariam aos dias de hoje. A desativação de alguns, aliada à sua degradação por causas naturais (Terramoto de 1755) e obras estruturais (implantação da via-férrea – linha de Cascais e Marginal - contribuiriam para a sua apressada ruína. Perdidos e descurados na sua função militar, ameaçavam cair em ruínas até que aparecesse alguém com posses e lhe concedessem novo visual assente nos caboucos primitivos. (2)

Restam-nos, assim, vestígios amuralhados do que foram os fortes de Santa Catarina (1645) no lugar que hoje é ocupado pelo palacete de Seixas, onde funciona a Messe da Marinha; o Forte de Nossa Senhora da Conceição ou dos Inocentes, na praia da Conceição, onde hoje se ergue o Palácio dos Duques de Palmela; o Forte de S. Roque, invadido pela linha férrea, foi convertido no Palacete do Tamariz, no Casal de S. Roque; o Forte de Santo António do Estoril ou Santo António da Cruz daria lugar ao Palacete Ramos tomando as formas de um amaneirado forte e que se localiza na extremidade da praia do Tamariz a caminho da Praia da Poça; o Forte de S. Pedro, na Poça (S. João do Estoril), utilizado como bar e discoteca: o Forte Velho; mais além, na parte ocidental da Praia de Carcavelos situava-se o Forte de S. Domingos de Rana sobre os alicerces do qual se montou o Sanatório Marítimo e Ortopédico Dr. José de Almeida, também, ele, hoje desativado.

O Forte de Santa Marta, à entrada da baía de Cascais, implantado sobre o mar, serviria de amparo à construção de um farol inserido nas muralhas do próprio forte, nas cores de um forte azul tornando-o um ícone (ex-libris) da vila de Cascais, apenas restam os muros amuralhados; o mesmo sucedeu com o Forte de S. Brás de Sanxete, no Cabo Raso que, atualmente, desativada que foi a sua função de defesa e de vigia da costa litoral, alberga o farol do Cabo Raso, que se impõe na paisagem com a sua torre pintada de vermelho.

(continuação no próximo Uniases)

# POR MARES E ARES DANTES “NAVOADOS”

Crónica de saudade da Guiné - 2 (continuação do nº 181)

Timóteo Moreira

Como disse, a 2ª viagem da UASP à Guiné decorreu de 18 a 25 de março 2016. No dia 23 regressámos de Orango. Procurámos em Quinhamel o “restaurante do Português”. Lá o avistamos no meio do arvoredor, mas comida é que não havia pois nos disse que não tinha sido avisado. O monte de cascas das saudosas ostras no logradouro acrescentou mais sofrimento à fome. Rumámos em direção a Bissau, à distância de 30 Kms, onde fomos recebidos com alegria no Papa Loca da Casa do Benfica. Às 15:00 serviram-nos pratos bem recheados, embora eu estivesse limitado pelas aftas.

Fomos visitar o hospital da Cumura, muito falado no tempo da minha “guerra” de 1971-73 como hospital dos leprosos. Tem vários pavilhões bem cuidados, muito terreno e jardins. É administrado há dezenas de anos por dedicados e sorridentes Padres Italianos. Tem poucos leprosos, mas acolhe agora cerca de 40 doentes com Sida. É um oásis nas terras da Guiné. Outro oásis é a Casa Bamberan, onde duas freiras acolhem cerca de 45 órfãos com alguns meses de vida até aos 14 anos; onde têm comida, cama, chuveiros, lavatórios e onde aprendem muita coisa. Também aqui foi entregue uma pesada mala com materiais, tendo, alguns, deixado discretamente notas de francos.

Jantámos no edifício que acolhera alunos da Universidade Católica, onde íamos dormir em quartos bem simples e a ventoinha funcionava. Alguns saíram até às 23.00 pela Avenida do Aeroporto parando num bar à conversa com Portugueses que ali conviviam com um Ministro da Guiné.

No dia 25 não fui a Canchungo nem a Cacheu, pois “desenfiei-me” para passear sozinho por Bissau e ir à Base Aérea. Um Sr. Padre da Cúria foi muito simpático e levou-me à Base Aérea, de onde me recambiaram para o Quartel-General a fim de obter licença para entrar na Base. Nestes poucos quilómetros por duas vezes a polícia nos mandou parar: da 1ª vez logo disseram ao Sr. Padre que podia seguir; na 2ª vez, a menina foi “compensada” apesar de nos desejar “Boa Páscoa”.

Como o QG nos remeteu para o Ministro

da Defesa, eu agradeci ao Padre a sua disponibilidade e comecei o reconhecimento a pé por Bissau, sozinho. Que tristeza de vistas! Quase não reconhecia a zona deserta do café Bento e arredores. Muita falta de tinta nas casas “europeias”, que pareciam meio-abandonadas. O dono de um café disse-me que, por ali, parte do alcatrão resistente ainda era do tempo dos Portugueses! Uma dor de alma subir a Avenida principal e os seus passeios pois faltava algum alcatrão, havia pó e tudo pouco cuidado.

A catedral e o tribunal lá estavam na mesma e em bom estado. Os correios vão ter um novo e bom edifício. Lá estava a casa Gouveia. A UDIB mantém-se, mas precisa de avivar as cores. A Associação Comercial está bonita e é a sede do PAIG, com salas para as pessoas frequentarem.

A Praça do Império continua grande e chama-se agora dos Heróis, bem ajardinada. O Palácio do Governo, que é agora o da Presidência da República, mantém a mesma fachada imponente, está bonito depois de ter sido muito bombardeado em 1998 e de ter sido recuperado pelos Chineses. Só é pena que as ruas à sua volta estejam cortadas ao trânsito de peões e veículos e nelas permanecem carros blindados com militares do centro da África a guardar um Presidente, que deixou o PAIG e que não é amado pelas pessoas com quem falei. E que quer impor no governo pessoas que o maioritário PAIG não aprova ou vice-versa. O café Império lá continua com a sua esplanada e com muita gente, pois será a casa melhor arranjada de Bissau.

A caminho da messe de Oficiais da Força Aérea entrei pelos jardins da sede da Ordem dos Advogados de Bissau, tendo o Bastonário mostrado as várias salas, quase despidas, lamentando a falta de livros nomeadamente sobre o Código Civil e o Código de Processo Civil, que me disse seguirem ainda os de Portugal da década de sessenta.

Por outra rua prossegui a visita à messe. Acabava de filmar vários urubus quando dois soldados me disseram que não podia filmar ali nem prosseguir porque a messe era agora ocupada pelos tais soldados e estrangeiros.



Continuei pelas ruas largas de Bissau que estão agora a receber alcatrão. Nos passeios tive de ir baixando os olhos para os buracos fundos que vão receber postes e caixas.

Onde almoçar? Foi mais certo voltar à casa do Benfica, que tem ar condicionado e os pratos são servidos à portuguesa e bem compostos. Ah! o salão da casa do Benfica, das saudosas danças, terá pouco uso.

A Embaixada de Portugal tem vários edifícios e muito movimento de pessoas, mas disseram-me que o meu pouco tempo já não dava para conseguir uma entrada na Base. Então atirei-me para o Q G do meu tempo subindo a estrada de St Luzia. Quis ir a pé para reconhecer aquele percurso, o que se tornou numa pesada penitência de Quinta-feira Santa numa tarde de muito calor e de algum pó. Afinal o QG ficava muito longe. Quando cheguei ao Ministério da Defesa eram 16:30 e o Ministro já tinha saído.

Deambulei à procura do QG do meu tempo com os seus jardins, sempre a subir, cheguei até um ponto mais alto do que a paisagem encontrando uns aquartelamentos dispersos, que pouco ou quase nada me trouxeram à memória.

Regressei ao centro e fiz o reconhecimento do “Pilão”. Vi muitas ruas, algum alcatrão, muito trânsito, valas para saneamento a céu aberto. Também li placas com o nome “Cupelom”. Também aqui entrei ao contrário, de poente para nascente, e não reconheci o tão falado “Pilão”, agora com muitas mais casas. Pus-me à conversa com três simpáticas meninas. Como já lhes tinha dado uma nota, saboreei umas panquecas feitas ali na rua e na hora e um gelado artesanal que era divinal. Conversei no quartel dos bombeiros de Bissau, que já ali existia no meu tempo. Desci até ao

cais do “Pidgiguiti”, que estava pobre, com lodo e barcos velhos. “ Não filme aquele barco”. Porquê? “ É militar”. Foi uma dor de alma ver o abandono daquelas antigas casas e o estado daquelas ruas. Lembrei a minha amiga Isilda

Araújo, cujo casal recebia muitos Portugueses, especialmente os de Valongo. Subi até à catedral onde se ensaiava para a Missa de Quinta-feira Santa espalhando-se os cânticos pelos altifalantes. Não tivemos o Bispo de Bissau, mas

tivemos o nosso companheiro P. Artur a presidir às cerimónias numa catedral cheia. E que bem cantava e se mexia o alegre grupo coral!

(continuação no próximo Uniases)

## NOTÍCIAS TRISTES ...

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASSES com a indicação de “falecido”, tivemos conhecimento do óbito de:

### AS - José Pinto Silveira Machado

Natural de Robert Williams (Caala), Nova Lisboa (Huambo), nascido em 29 de Setembro de 1945, faleceu, vitimado por doença, em Lisboa em 4 de agosto de 2015. Do Curso de 1962/63, no Noviciado da Silva.

Em vida, fez parte dos quadros da Companhia Aérea Angolana, TAAG, foi professor e crítico de etiqueta e boas maneiras de vários temas sociais, com presença assídua no programa televisivo da TPA 2.

Foi a sepultar a 8 de Agosto no cemitério Alto das Cruzes, em Luanda, tendo José Eduardo dos Santos, presidente da República de Angola, participado nas cerimónias fúnebres.

### AS 1514 – Manuel da Costa de Sá Cachada

Nascido em 2 de Setembro de 1934, natural de Vila Cova/Barcelos, faleceu, após doença prolongada, a 9 de Abril de 2016, na

cidade do Porto, onde era residente, com a idade de 81 anos. Do Curso de 1947/48, em Godim.

Foi Diretor de Finanças, na área da justiça tributária e autor de alguns estudos, nomeadamente o trabalho sobre “Os Regimes Jurídico e Fiscal das Sociedades Comerciais Irregulares” e do livro “A Caça à Burocracia”, com 2ª edição em 2015. Irmão de António - G40 (Padre, já falecido), João – G50 (falecido) e Firmino de Sá Cachada – V56 (missionário na Amazônia).

### Maria Morado Torres

Natural de Balazar/Póvoa de Varzim e residente em Aguçadoura, do mesmo concelho, faleceu a 8 de abril de 2016 no Hospital Pedro Hispano, em Matosinhos, com 96 anos de idade. Mãe dos ASSES Manuel (V59) e de José Torres da Silva (V63)

### José da Conceição Sabença

Natural de Penajoia/Lamego, onde sempre vivera, faleceu em 10 de maio de 2016, contava 81 anos de idade. Pai do P. José Manuel Matias Sabença (G70) que foi Provincial da Congregação do Espírito Santo e atual Assistente Geral da mesma em Roma.

**QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMES A TODOS OS SEUS FAMILIARES.**

## C. S. SP. (CSSP)

Custódio Coelho

Tenho ainda presente na memória o que esta sigla queria ou quer dizer.

Era um dia normal de trabalho em Angola, mais propriamente no castelo de Luanda, sede do Comando Chefe das forças armadas. Preparava, eu, o correio para o apresentar ao General Comandante-Chefe. Começo então por separar: correio particular, classificado (vários graus) e normal (abrir, ler, resumir) e, de repente, deparo com duas folhas A4 sem envelope, sem classificação (só dar conhecimento) e reparo que no final da primeira folha, após a assinatura, lá vinha esta ‘familiar’ sigla. Leio. Tratava-se de uma ficha normal de um cidadão: Fulano de tal... natural de... (eu tinha passado férias lá bem perto) filho de... profissão... assinatura e nada mais. Da segunda folha A4, meio preenchida, constava o auto de notícia, investigação, julgamento e sentença.

(Caros colegas, investigadores, advogados e juizes, que grande exemplo de poupança, eficiência, rapidez e talvez trabalho de uma só pessoa...e ainda dizem que não eram eficientes... para aquilo que eles queriam...)

Dizia esta folha (não assinada) que o Padre M. L., algures no norte de Angola, teria dito... e como tal ofendeu gravemente a Pátria, logo deve ser recambiado para a Metrópole e “hospedado” num seminário.

Conheci o Padre M. L., ainda que por pouco tempo, na Torre d’Aguilha, Carcavelos: o seu andar característico e o sorriso inconfundível.

Levei o correio como era costume, deixando estas duas folhas para o fim e disse que conhecia a pessoa em questão. O General leu e: “são jovens cheios de boa vontade, podiam dizer o mesmo por outras palavras, deixe aí de lado e amanhã falamos...”

Na manhã do dia seguinte:

- Então o seu amigo?... Olhe, castigado tem de ser, com esta gente – Pide – não há volta ...fale com o secretário do Sr. Arcebispo, muda-se de lugar, fica em Angola, isto esquece e vai tudo ao normal.

- Já está em Luanda a caminho da Metrópole – disse o secretário do Sr. Arcebispo (mestre de noviços, anos sessenta).

- Ele quer ir nessas condições?

- Não.

- Então passa-se ao plano “B”.

(...)

Decorreram dias (meses?) e numa rua de Luanda encontro o Padre M. L. que me interpela: “então rapaz, como vai a vida? Vamos ao cinema”? Lá fomos ao cinema Império (ao ar livre), falamos do passado... que estava noutra missão... e nada mais... Bem queria desabafar, mas... as paredes podiam ter ouvidos.

Despedimo-nos, nunca mais o vi. Soube por um amigo comum que teve uma doença prolongada ... que me queria falar... não falamos ..., mas fui-me despedir a Marinha...e sempre que por lá passo vem-me à lembrança “ó meu rapaz”, dito com aquele sorriso que não esqueço.



## CANTINHO DA POESIA

### SONETO 16

Os ex-combatentes, que regressaram,  
Quantas foram as mazelas, quantas foram?  
Que ainda hoje os apoquentam, não os deixaram  
E nunca os deixarão; poucos riem, muitos que choram!

Sendo um deles, só penso em quem está pior que eu,  
Por pior que se esteja, existe um maior "calvário"...  
E não há quase nenhum apoio, para quem tanto sofreu,  
Entregando sua saúde e a própria vida, quando necessário!

Que cada português, no que cada jovem recebeu  
Como herança dessa guerra, ajude a mitigar essa dor,  
Com tratamento médico e o mais, pois tudo ele mereceu!

Com toda essa bem-vinda ajuda, que necessário for,  
O nosso ex-camarada poderá dizer: sim, oh, se doeu,  
Mas passará bem melhor, merecidamente e sem favor!

**Manuel António Pousa – G57**

*In "Ex-Combatente:... Oh se doeu! Quem tu serviste,  
Já te esqueceu?!" Chiado Editora, 2015*

## TESOURARIA

ABRIL / JUNHO 2016

N.º	Nome	Conta	Montante
8	Abel Pereira Correia	QUOTAS	40,00 €
20	Abílio Sá Costa	QUOTAS	20,00 €
41	Adriano Pereira Carreira	QUOTAS	20,00 €
53	Agostinho Augusto Codeço Pereira	QUOTAS	30,00 €
101	Alberto Ribeiro Melo	QUOTAS	25,00 €
183	Amílcar Oliveira Fernandes	QUOTAS	30,00 €
2729	António Augusto Amaral Sequeira	QUOTAS	25,00 €
243	António Costa Furtado	QUOTAS	20,00 €
279	António Francisco Lopes Monteiro	QUOTAS	10,00 €
308	António Joaquim Teixeira Costa	QUOTAS	10,00 €
303	António Joaquim Martins Paiva	QUOTAS	100,00 €
313	António José Cardoso Soares	QUOTAS	20,00 €
340	António Luis Pinto Costa	QUOTAS	10,00 €
393	Antonio Pinto Teixeira Carneiro	QUOTAS	30,00 €
403	António Rodrigues Ferreira	QUOTAS	20,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	20,00 €
474	Armindo Martins Vilaça	QUOTAS	20,00 €
2164	Augusto Abreu Gomes Ferreira	QUOTAS	20,00 €
534	Boanerges Fonseca Borges	QUOTAS	40,00 €
567	Carlos José Neves Delgado Pe.	QUOTAS	100,00 €
621	Daniel Martins Brito	QUOTAS	30,00 €
2514	Diniz Agostinho Gaspar	QUOTAS	100,00 €
701	Ernesto Pereira Gomes	QUOTAS	30,00 €
756	Fernando Teixeira Cardoso	QUOTAS	25,00 €
2798	Francisco Ant. Castro Gonçalves	QUOTAS	50,00 €
786	Francisco Cunha Pinto	QUOTAS	20,00 €
816	Francisco Santos Bártolo	QUOTAS	20,00 €
831	Gaspar Ribeiro Costa	QUOTAS	20,00 €
845	Guilherme Gonçalves Castilho	QUOTAS	40,00 €
2121	Helder Manuel Martins Ferreira	QUOTAS	20,00 €
885	Isau Santos Fidalgo	QUOTAS	20,00 €
927	João Dias Alves Silva	QUOTAS	10,00 €
957	João Nascimento Gomes Ramos	QUOTAS	20,00 €
967	João Santos Monteiro	QUOTAS	25,00 €

N.º	Nome	Conta	Montante
2942	Jorge Alberto Viegas Bárbara	QUOTAS	20,00 €
1107	Jose Alberto Moreira Rego	QUOTAS	20,00 €
1146	José Candido Araújo Rodrigues	QUOTAS	10,00 €
1147	José Cândido Gomes Ferraz	QUOTAS	20,00 €
2362	José Carvoeiras Ginjas Candeias	QUOTAS	10,00 €
1172	José Custódio Oliveira Coelho	QUOTAS	10,00 €
205	José Gomes Santos	QUOTAS	20,00 €
1211	José Herminio Costa Machado	QUOTAS	30,00 €
2019	Jose Joaquim Lopes	QUOTAS	40,00 €
1263	José Manuel Matias Mendes	QUOTAS	50,00 €
1285	José Maria Fonseca Carvalho	QUOTAS	50,00 €
1319	José Nepomuceno Silva Dias	QUOTAS	20,00 €
2773	José Vaz	QUOTAS	70,00 €
1460	Manuel Álvaro Ferreira Silva	QUOTAS	10,00 €
1536	Manuel Fernando Vale Lima Silva	QUOTAS	15,00 €
1569	Manuel Joaquim Couto Pereira	QUOTAS	100,00 €
1450	Manuel Kock Víuva D. Alcina Kock	QUOTAS	25,00 €
1589	Manuel Lopes Oliveira	QUOTAS	50,00 €
1589	Manuel Lopes Oliveira	QUOTAS	20,00 €
1604	Manuel Matos Vitorino	QUOTAS	20,00 €
1642	Manuel Queiroz	QUOTAS	20,00 €
1658	Manuel Santos Lopes	QUOTAS	25,00 €
1659	Manuel Santos Moreira	QUOTAS	20,00 €
1018	Maria Casimira V. Proença	QUOTAS	50,00 €
1776	Óscar Sousa Maia	QUOTAS	20,00 €
1799	Porfírio Esteves Lopes	QUOTAS	20,00 €
1808	Quintino Soares Ferreira	QUOTAS	10,00 €
1835	Rogério Silva Carmona	QUOTAS	25,00 €
1866	Serafim Couto Volta Silva	QUOTAS	20,00 €
1868	Serafim Gomes Oliveira	QUOTAS	20,00 €
			1.880,00 €

### DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

Distribuídos até 30-06-2016	371	7.420,00 €
Ofertas	51	0,00 €
Para distribuição	98	

## ESTANTE

### QUE VIDA BOA ERA A DE LISBOA

Por Joaquim Moreira



A descolonização já fez quarenta anos mas há ainda muita literatura, talvez cada vez mais, a respeito. Li recentemente *MOÇAMBIQUE*, de Manuela Gonzaga (Bertrand, 2014). Hoje a Manuela é uma Gonzaga muito conhecida, candidata até desistente à presidência da república, mulher de letras e de causas, jornalismo e escrita personalizada, livros interessantes de História e de histórias, estilo fácil, atraente, sedutor, boa leitura que é o que interessa. Manuela foi adolescente para Moçambique, levada com mais três irmãos por uma mãe original e destemida, o pai iria bastante mais tarde. Cresceu nas regiões do norte, a Vila Cabral de “Eurico Dias Nogueira”, Tete, algumas passagens pela Beira, a segunda maior cidade de Moçambique, algum colégio interno na capital Lourenço Marques, onde viria finalmente a desaguar com a família, quem não gostava, alguns anos ali de alta rotação colonial, até ao desmoronar do Império. Na capital terminaria o 7º ano do Liceu, estudando e trabalhando já naquilo que era o seu sonho, no ‘Notícias’ de Lourenço Marques, o jornalismo, as letras, finalmente. Aqui acabaria por “arrumar” logo a sua vida de mulher rebelde, casando um tanto em guerra com a mãe e com o mundo, tranquila, porém, na decisão que lhe abria caminho para a estabilidade de que precisava. Jornalista encartada, o destino a levou logo para Angola em finais de 1971, um filho nos braços e outro já na barriga. Naturalmente, viria a trabalhar no ‘Notícias’ de Luanda onde cheguei a conhecê-la, ela não se deve lembrar de mim, eu era ali simples colaborador, um padrego ou padrega franco atirador semanal com uma “Igreja Nova Igreja Velha” que fez por lá alguns poucos estragos, adiante que há já pouco quem se lembre. Convém dizer que, de momento, e cada vez mais, me interessam livros sérios mas de leitura leve e virados para a parte colonial do meu passado. Os meus mal medidos cinco anos de Angola fo-

ram suficientes para marcar uma vida. Que dizer então daqueles que lá viveram décadas? E daqueles que, branquinhos da silva, lá nasceram e de lá vieram corridos um belo dia com o rótulo de retornados? A esta distância começa a haver alguma serenidade para falar da dita cuja descolonização. Custa ver pessoas “alegradamente” simples e direitas, quero dizer honestas, compelidas a deixar tudo para trás, quando a verdade é que não queriam mais que viver e ser felizes e por lá tinham encontrado tudo isso, embora infelizmente sob um regime colonial protector. Outros, aqueles que, lá como cá, sempre souberam espreitar furos, olho vivo para o negócio, não merecem tanta pena. Mas a realidade é que o sistema colonial, por mais que quisessem fazer daquilo províncias ultramarinas, era essencialmente um sistema iníquo e insustentável. Poderíamos ter feito em África outros brasis, assim tivessem aparecido outros Pedros e outros Ipirangas, mas o resultado seria também o que está aos olhos de quem quiser pensar um bocadinho na situação brasileira e que o Azevedo Gomes tão bem denunciou na sua ‘Falsificação da História’: Brasil - um país só aparentemente plurirracial e democrático, mas sem futuro justo enquanto o poder político-económico se mantiver na posse exclusiva de meia dúzia de brancos, meia dúzia é (mais que) um modo de falar. Curiosamente se esse foi...como foi, o caminho seguido nas Américas, sobretudo na do sul, não o foi na África sub sariana, onde as minorias brancas, quando não foram corridas, perderam o poder e os privilégios. Perfeições à parte, os resultados foram bastante diferentes, mas igualmente insatisfatórios. Por isso, e por favor, não me digam que o regime brasileiro é melhor que o angolano, diferenças apenas na cor do poder e a mesma injustiça fundamental. Essencialmente autobiográfico, *MOÇAMBIQUE* deixa clara a imagem e a verdade sobre a situação colonial, uma injustiça viral, uma inconsciência que dava imenso jeito à minoria no poder, uma desconfiança universal inevitável, e como que intraduzível, uma vasta fe-

rida social que só não via quem não queria. Manuela Gonzaga leva-nos ao palco daquela que, afinal de contas, era a boa vida dos colonos. Privações naturalmente existentes eram pouco mais que virtuais e insignificantes, quase ornamentais. Vivia-se bem, “Que vida boa era a de Lisboa”, cantava o Fausto. Que vida boa era a de Luanda. Que vida boa era a de Lourenço Marques. Nada faltava no essencial. Em qualquer cidadezinha ou vila ou menos que isso, mesmo no interior mais distante, onde quer que houvesse meia dúzia de brancos, tudo se organizava de imediato, um por todos e todos por um, os brancos, um ou outro negro serviçal, necessário e obrigatório, sempre da máxima confiança, sempre até muito amigo dos filhinhos brancos. A vida era bem mais que de subsistência. Aos encantos nunca negados da natureza africana juntava-se a felicidade dos grandes passeios, das grandes festas de vez em quando em casa deste e daquele, mesa farta e outras farturas. Era preciso viver e ser feliz. “Apesar de tudo, tínhamos sido todos tão felizes”, porá a Autora na boca da sua aventureira mãe. O sistema funcionava quase na perfeição, de Lisboa a Timor. Não havia tempo para questionar o que quer que fosse. Mesmo quando a guerra chegou, como tinha que chegar, tudo se recompôs rapidamente, a guerra ficava sempre lá para cima ou lá para longe. E, ironia do destino, até era mesmo verdade que o grande progresso chegara verdadeiramente com a guerra. Luanda, Lourenço Marques, e tantas outras cidades, dava gosto, que vida boa era a de Lisboa.

Aqui chegados – que pensar? A História foi escrita, o mal está feito, mais palavras serão exercício de retórica, úteis apenas se a dose envenenada não se voltar a repetir. Valerá a pena recordar aqui a lúcida afirmação de Melo Antunes, conhecemos, aquele santo da devoção de António Lobo Antunes, e de muita mais boa gente, em entrevista final quando já tinha entrado nas intermitências da morte: “a descolonização foi trágica como trágica foi a colonização”. É chato mas é verdade.

### UNIASES - CGD - BARCELINHOS

#### MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

UNIASES Apartado 1098  
4710-908 BRAGA

#### CONTACTOS

ases@portugalmail.pt

#### Presidente:

969 690 551 / 214 445 827  
alberto.r.melo@netcabo.pt

#### Tesoureiro:

919 441 970 / 253 951 257  
cunhapintobraga@sapo.pt

**NIB 0035 2008 0003 8874 930 35**

**CONTA Nº 2008 038874 930**

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...  
No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º \_\_\_\_\_